

## 4 Trabalho e sublimação na atualidade

O mundo do trabalho contemporâneo se constitui, de fato, como um campo privilegiado para o estudo da atividade sublimatória e seus impasses, especialmente se retornarmos aos três traços distintivos da sublimação, a saber, seu caráter assexual, a produção de cultura que implica e sua função de proteção ao psiquismo. O trabalho profissional, tal como organizado e desenvolvido atualmente continua a se destacar por sua importância na construção da cultura, bem como pelo caráter distanciado do campo da sexualidade *stricto sensu* das atividades a ele relacionadas. Entretanto, é com relação à função protetora da sublimação que surgem significativos impasses para a compreensão da atividade sublimatória hoje.

Garcia (1998) sugere que o cenário contemporâneo traz marcas irrefutáveis da atividade sublimatória, mas, ao contrário do que se poderia supor, isto não se reflete na experiência dos sujeitos:

Se considerarmos a tese freudiana segundo a qual a ciência é uma produção cultural sublimatória, teremos, inevitavelmente, que concluir que a sociedade tecnológica contemporânea traz a marca inegável da sublimação. (...) Não padecemos, portanto, de uma carência sublimatória. No entanto, essa produção sublimatória coletiva não se apresenta ao nível da experiência individual como garantia de um viver melhor, ou de uma maior satisfação para o sujeito, o que só confirma a tese do *Mal-estar na Cultura*, mas não nos impede de procurar entender sua especificidade histórica (GARCIA, 1998:84).

Tal constatação parece, de fato, muito precisa na descrição da atualidade. Neste sentido, se considerarmos os altos índices de produtividade e a sofisticada trama social decorrentes do mundo do trabalho hoje, de fato, à primeira vista, parece que atividade sublimatória vem sendo desenvolvida plena e eficazmente neste setor da sociedade. Contudo, as experiências subjetivas daqueles implicados neste cenário, longe de descreverem atividades marcadas pela satisfação e pela emergência da singularidade, apontam para formas específicas de sofrimento, descritas especialmente a partir de vivências de acentuadas fragilidade e vulnerabilidade. Assim, parece que a atividade sublimatória, compreendida a partir da perspectiva do trabalho profissional, se apresenta hoje bastante

desvinculada da função protetora, que aqui propomos como sendo um de seus traços distintivos.

#### 4.1

#### **Em xeque a função protetora: a hipótese do excesso sublimatório e a ação da pulsão de morte**

A proteção que a sublimação pode oferecer aos sujeitos é, de fato, uma das características que tornam este mecanismo tão interessante ao psiquismo e à produção da cultura. Desta forma, a sublimação se definiria como protetora uma vez que, em última análise, trata-se de uma resposta singular dos sujeitos frente ao desamparo original e às demandas civilizatórias, capaz de conciliar questões forjadas no mundo interno e outras oriundas do contato com a realidade externa (GARCIA, 1998). É neste sentido, portanto, que a atividade sublimatória oferece um destino satisfatório ao excesso pulsional e, com isso, estabelece uma forma de regulação da relação com o outro, o que fundamenta a construção da cultura (GARCIA, 1998; PEREIRA, 2000b).

Entretanto, verifica-se que os benefícios que a atividade sublimatória pode trazer ao psiquismo encontram-se bastante próximos às ameaças que este mesmo processo pode representar, como demonstram as observações trazidas na própria obra freudiana a respeito das conseqüências nefastas de uma possível ampliação desmedida da sublimação (FREUD, 1908b; 1910a[1909]; 1912; 1930[1929]). Assim, pode-se configurar como um excesso sublimatório (GARCIA, 1998) um aumento exagerado da atividade sublimatória, o que evidencia a delicadeza dos limites que balizam este mecanismo psíquico, entre o sublime e o trágico, prenunciada nas referências de Freud à possibilidade do abuso sublimatório (FREUD, 1910a[1909]; 1912).

Os riscos trazidos por uma exacerbação da atividade sublimatória se justificam essencialmente a partir da relação inevitável, apesar de antagônica, entre sexualidade e civilização, a que Freud tantas vezes se referiu (FREUD, 1908b; 1921; 1930[1929]). O texto freudiano, na verdade, aponta para uma relação pendular entre satisfação sexual e a atividade sublimatória produtora de civilização (GARCIA, 1998), de maneira similar àquela que se dá entre libido narcísica e libido sexual (FREUD, 1914a), isto é, quanto mais sublimação menos

descarga sexual direta, e vice-versa. Desta maneira, a sublimação, quando realizada em excesso, ainda que se configure como uma via de satisfação pulsional, pode representar um detrimento à gratificação sexual direta e seus efeitos danosos emergiriam, assim, na medida em que implicasse uma restrição excessiva à sexualidade. Parece, portanto, que *“na argumentação freudiana o excesso sublimatório se reflete, necessariamente, no prejuízo do sexual”* (GARCIA, 1998:82). Pode se chegar à mesma conclusão percorrendo a direção oposta e partindo da restrição sexual. Neste sentido, o impedimento à sexualidade também poderia resultar em um excesso de atividade sublimatória, dado o movimento oscilatório entre estas atividades. Em ambos os cenários, portanto, fica claro que a possibilidade de a sublimação resultar em benefícios para os sujeitos depende de que sua realização se dê paralelamente à manutenção de vias de satisfação que conservem o caráter sexual estrito. A sublimação, assim, se organiza a partir de um equilíbrio com relação ao sexual, isto é, o prejuízo a um destes dois pólos se apresenta como excesso no outro. Neste sentido, a proteção oferecida pela sublimação repousa justamente na possibilidade de evitar, por um lado, um excesso pulsional próprio à satisfação sexual direta e, por outro, um déficit à satisfação sexual decorrente do recalque.

Estas considerações a respeito da possibilidade de configuração de um excesso sublimatório, contudo, se fundamentam essencialmente nas investigações em torno da sublimação realizadas no âmbito da primeira tópica e da primeira teoria pulsional. Mesmo quando, posteriormente, Freud volta a discutir o abuso sublimatório no *Mal-estar* (FREUD, 1930[1929]) as contribuições a respeito da atividade sublimatória apresentadas no âmbito da segunda teoria pulsional e da segunda tópica não são destacadas. No entanto, foi justamente a partir do texto de 1923 que a sublimação pôde ser examinada mais detalhadamente, como resultante de uma determinada forma de movimentação e transformação pulsional, e aproximada dos conceitos de narcisismo, identificação, eu e pulsão de morte. Neste contexto, pode-se supor que a ampliação do entendimento a respeito da sublimação, proposto a partir da segunda teoria pulsional e da segunda tópica, ofereça meios de se compreender melhor também as implicações psíquicas de um eventual excesso sublimatório.

De fato, a compreensão de que a sublimação envolve uma transformação da libido objetal em libido narcísica, através do mecanismo de identificação trouxe novos e significativos elementos para o estudo sobre a atividade sublimatória, entre os quais deve-se destacar a participação da instância egóica neste processo e a desusão pulsional aí implicada (FREUD, 1923b). Assim, inicialmente, o eu, ao se identificar com o objeto, engendraria uma dessexualização da pulsão que, por sua vez, teria como consequência uma desusão pulsional. Frente à desusão, a instância egóica desempenharia ainda outra função fundamental à atividade sublimatória: caberia a ela oferecer uma nova meta às pulsões agora desfusionadas (FREUD, 1923b:61). Este processo, então, evidencia o eu como “*verdadeiro administrador das questões pulsionais*” (PEREIRA, 2000a:114). Neste sentido, Pereira (2000a) sugere:

Caberá ao eu, bem-fornido libidinalmente, impor às pulsões agora desfusionadas um destino que lhes seja favorável, ou seja, um destino que o proteja da angústia, sem precisar lançar mão de notáveis dispêndios de energéticos, como acontece diante do recalçamento ou ainda de outras defesas mais extremas (PEREIRA, 2000a:115).

A sublimação, assim, enquanto alternativa à descarga sexual direta e ao recalque, representa, para o eu, uma possibilidade de satisfação das demandas do isso sem implicar um desgaste em suas relações com o supereu ou com a realidade externa (FREUD, 1923b:73). Através da atividade sublimatória - e da identificação que ela supõe - o eu tenta se colocar como objeto de investimento para o isso, mas, desta maneira, precisa enfrentar as consequências que este mecanismo suscita, isto é, a desusão pulsional, já que, oferecendo-se como objeto de amor a pulsões do isso, a instância egóica é chamada a lidar com os excedentes pulsionais que este processo libera (FREUD, 1923b). Quando, então, o eu não é capaz de oferecer novos destinos às moções desintrincadas, pode ele mesmo perecer em função da ação das pulsões de morte. Neste sentido, o eu, ao tentar controlar as pulsões do isso, acaba exposto “*ao perigo de maus tratos e morte*” (FREUD, 1923b:73), o que demonstra a relevância da atuação da pulsão de morte na emergência da sublimação.

Segundo Pereira (2000a), as considerações sobre a atividade sublimatória apresentadas a partir de 1923b confirmam o protagonismo da pulsão de morte na tessitura deste mecanismo psíquico. Seria a pulsão de morte a força responsável

“*pela mudança radical que se opera, de meta e de objeto*” (PEREIRA, 2000a:115) na sublimação, uma vez que esta, ao desfazer certas ligações, possibilita a emergência de outros agenciamentos. Neste sentido, a dessexualização da pulsão, ao suscitar uma des fusão e uma conseqüente redução da potência erótica (FREUD, 1923b:71), tornaria mais fácil a ação da pulsão de morte. Levado às últimas conseqüências, este entendimento a respeito da participação da pulsão de morte na sublimação permite compreender a sublimação não apenas como uma alternativa a outros destinos pulsionais, mas essencialmente como “*produto do próprio esforço da pulsão [de morte]*” (PEREIRA, 2000a:116).

Considerando a participação da pulsão de morte neste processo, a mescla pulsional encaminhada para a sublimação assume, então, uma importância significativa na determinação dos desdobramentos da atividade sublimatória (PEREIRA, 1999; 2000a). Desta forma, a possibilidade de as moções pulsionais serem direcionadas para objetivos socialmente aceitos e valorizados dependerá de haver certo equilíbrio entre as forças de vida e de morte na mescla pulsional. Levando em consideração esta compreensão a respeito do funcionamento da atividade sublimatória, Pereira (1999; 2000a) sugere que seria possível distinguir três desfechos distintos para a sublimação. O primeiro deles resultaria de um predomínio de pulsão de morte na mescla pulsional, capaz de fazer com que, após a des fusão, a ruptura se manifeste de forma mais radical. Neste caso, frente a uma apresentação intensa da pulsão de morte, o eu se revela insuficiente para recapturar e oferecer novas metas às moções pulsionais. Assim, não podendo “*opor-se à força disruptiva e verdadeiramente demoníaca das pulsões*” (PEREIRA, 2000a:117), a instância egóica, então, sucumbe à desordem e ao caos. A atividade sublimatória se revela, então, marcada pela intensidade das forças disruptivas e apresenta um equilíbrio mais raro e delicado, tangenciando sempre a iminência de uma destruição. No entanto, ainda assim, eventualmente pode-se verificar situações em que há a emergência do que seria genuinamente novo e original, capaz de trazer autênticas transformações nos padrões estabelecidos culturalmente. Entretanto, em outras situações, a disjunção compromete a organização psíquica, o que parece acontecer quando grandes criações, especialmente no campo da arte e da ciência, são acompanhadas por uma extrema

fragilidade psíquica de seus criadores, algumas vezes resultando em desfechos trágicos (PEREIRA, 1999; 2000a; CARVALHO, 2006).

Um outro desfecho possível à sublimação ocorreria de forma mais branda, caso em que o eu seria capaz de oferecer um bom equilíbrio à economia psíquica, encaminhando as pulsões sexuais e agressivas, agora desintrincadas, para novas metas, distantes de seus objetivos originais e socialmente valorizadas. A compatibilidade entre as intensidades pulsionais e a capacidade egóica assegurariam, assim, um desdobramento da atividade sublimatória bastante favorável aos sujeitos e à produção cultural. Até aqui, portanto, podemos identificar a existência *“de duas sublimações, ou melhor, [de] uma variação significativa de intensidade das sublimações”* (PEREIRA, 2000a:116). Entretanto, haveria ainda um terceiro desfecho possível para a des fusão pulsional verificada na sublimação. Neste último caso, ainda que encontre uma mescla pulsional favorável (PEREIRA, 2000a), o eu não é capaz de redirecionar estas moções a outras metas por estar envolvido em mecanismos de defesa que demandam a utilização de suas reservas libidinais (PEREIRA, 2000a:115). Assim, diminuída em suas dimensões em função de suas delicadas relações com o isso e com o supereu, a instância egóica *“perde temporariamente sua capacidade de administração, de poder escolher o melhor destino para as moções, ou seja, sua possibilidade de sublimação”* (PEREIRA, 2000a:115). A impossibilidade do eu de direcionar a pulsão de morte desintrincada faz com que esta força disruptiva seja absorvida pela instância superegóica que, desta forma, acentua *“seu caráter geral de severidade e crueldade”* (FREUD, 1923b:71). Alocada no supereu, a pulsão de morte, então, configura uma situação de constantes ataques ao eu. Este terceiro desfecho da sublimação, assim, se organizaria a partir do próprio funcionamento egóico no processo sublimatório, que acaba por forjar um acirrado conflito intrapsíquico envolvendo o eu e o supereu.

Esta terceira vicissitude possível à sublimação pode ainda ser acompanhada pelo aparecimento de sintomas, em função das limitações impostas às atividades do eu, envolvido em grandes esforços de defesa. Assim, este desfecho da atividade sublimatória pode compreender *“características de rigidez e compulsividade, e, por representar um fracasso, [produzir] angústia”* (PEREIRA, 2000a:117). Este desdobramento dado à sublimação pode, enfim, ser descrito

como um “*quadro em que a atividade aparentemente sublimada pretende dar conta de toda, ou quase toda, a satisfação exigida pelas pulsões*” (PEREIRA, 2000a:117). Neste cenário, então, a possibilidade de a atividade sublimatória encontrar um desfecho favorável é significativamente diminuída, dadas as restrições existentes à ação do eu.

De fato, determinadas combinações entre a pulsão de morte e o funcionamento egóico podem suscitar riscos à própria organização psíquica dos sujeitos, inclusive na realização da atividade sublimatória. Com isso, parece possível supor que tanto as vicissitudes da pulsão de morte após a desfunção quanto a ação da instância egóica no percurso que leva à sublimação (PEREIRA, 2000a) seriam capazes de, em certas ocasiões, suspender o caráter protetor da atividade sublimatória do ponto de vista do sujeito, tal como ocorre frente a um abuso sublimatório (GARCIA, 1998). A partir disso, parece que a compreensão da sublimação como resultante da conciliação entre as pulsões e as instâncias psíquicas, presente no contexto da segunda tópica e da segunda teoria pulsional (FREUD, 1923b) é complementar ao entendimento deste mecanismo como uma tentativa de equilíbrio entre satisfação sexual e demandas civilizatórias, como é explicitado já no contexto da primeira tópica e da primeira teoria pulsional.

Assim, as observações acerca da atividade sublimatória propostas em diferentes momentos da obra freudiana confirmam, portanto, seu caráter de conciliação entre sexualidade e civilização. Entretanto, quando a equação destes elementos em jogo na composição da atividade sublimatória é abalada, parece que as conseqüências se evidenciam essencialmente no campo individual, gerando formas de sofrimento específicas, o que também pode ser compreendido justamente como uma suspensão da sua função protetora. No que diz respeito à cultura, por outro lado, os eventuais desequilíbrios no processo sublimatório não necessariamente se traduzem como prejuízo à produção de objetos socialmente valorizados. Desta maneira, no que tange à sublimação, há um aparente descompasso entre as esferas individual e coletiva, como parece sugerir a contribuição de Garcia (1998), o que traz conseqüências significativas para o estatuto deste conceito. Com isso, parece adequado problematizar a associação imediata da noção de sublimação com a idéia de perfeição e de sublime, já que, em algumas situações, a sublimação pode ser nefasta ao sujeito, mesmo que

produza algo socialmente relevante. Neste sentido, talvez seja mais apurado destacar a analogia deste processo psíquico com o fenômeno químico que descreve apenas uma mudança do estado da matéria (PEREIRA, 2000a). Assim, a sublimação talvez pudesse ser compreendida como “*uma mudança brusca de meta e de objeto, sem que esperemos, com isso, a produção de algo sublime, transcendente ou perfeito*” (PEREIRA, 2000a:117). Parece, enfim, que a função protetora da sublimação, do ponto de vista do sujeito, seria inerente a apenas uma das vicissitudes sublimatórias. A possibilidade de este desfecho mais desejável efetivamente ocorrer fica, portanto, reservada às ocasiões em que a atividade sublimatória resulta de uma relação harmoniosa entre a pulsão de morte e a instância egóica, o que, por sua vez, talvez “*só [seja] acessível a poucas pessoas*” (FREUD, 1930[1929]:98).

Se, com o Freud da segunda tópica, sugerimos uma ampliação do conceito de sublimação em psicanálise, compreendendo como sublimatórias também situações que podem oferecer risco ao funcionamento psíquico, precisaríamos, agora, distinguir o que seria, de fato, exclusivo deste mecanismo psíquico. Pensamos, então, que através de uma discussão comparativa entre sublimação e idealização, iniciada por Freud em 1914, é possível definir o que mais caracteriza este conceito. Desta forma, paralelamente a esta ampliação do entendimento acerca da atividade sublimatória, possível através da consideração da implicação da pulsão de morte e da instância egóica neste processo, propomos agora um segundo movimento, em direção oposta, através do qual será possível detalhar e circunscrever melhor os contornos específicos do conceito de sublimação em psicanálise.

## **4.2**

### **Os limites entre a sublimação e a idealização**

A ausência de uma conceituação definitiva a respeito da sublimação na obra freudiana contribui para que, em psicanálise, seja comum haver referências a este mecanismo psíquico que consideram apenas sua descrição, isto é, compreendendo-o simplesmente como uma passagem de objetivos sexuais da pulsão para outros objetivos não-sexuais, mais adequados às exigências ideais (MELLOR-PICAUT, 1983:135). Neste sentido, um investimento de caráter não



sexual em objetos socialmente valorizados, supostamente viabilizado pela força da pulsão sexual, pode ser rapidamente considerado como resultado de uma atividade sublimatória. Um exame mais apurado, contudo, revela que o processo psíquico que torna possível a sublimação possui certas especificidades e, por esta razão, não necessariamente investimentos de natureza aparentemente não sexual, direcionados à construção e à produção de cultura se realizam através de uma atividade sublimatória.

Foi com a publicação de *O ego e o id* (FREUD, 1923b) que as especificidades do mecanismo psíquico vigente na atividade sublimatória puderam ser pensadas mais minuciosamente, especialmente a partir da articulação estabelecida entre sublimação e identificação. Desta forma, seria a possibilidade de o eu se identificar com o objeto investido pela pulsão que permitiria que a libido objetal fosse transformada em libido narcísica, tomando o próprio eu como objeto, para que, posteriormente, pudesse ser redirecionada, em sua forma sublimada, a outros objetos pertencentes à esfera cultural (FREUD, 1923b). O mecanismo identificatório desempenha, assim, um papel fundamental no processo que leva à perda do componente sexual da pulsão que se verifica na sublimação.

O conceito de identificação fez-se presente na obra de Freud desde muito cedo. Inicialmente relacionada aos sintomas histéricos, a identificação foi gradualmente sendo ampliada em sua significação e em sua importância para o processo de constituição subjetiva (LAPLANCHE & PONTALIS, 1982). Contudo, assim como a sublimação, este conceito não chegou a ser sistematizado nos textos freudianos, a não ser por uma descrição sucinta apresentada no capítulo VII de *Psicologia de grupo e a análise do ego* (FREUD, 1921), onde são diferenciados três tipos distintos da identificação. O primeiro deles seria uma forma primitiva de relação com os objetos, anterior a qualquer escolha objetal, “*a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa*” (FREUD, 1921:133). É nesta proposta que se ancora a noção de identificação primária, referente à relação originária com as figuras parentais, em um momento (mítico) primordial da história do sujeito. A identificação secundária, por outro lado, seria um substituto da escolha de objeto, organizando-se como um processo que possibilita a introjeção do objeto que foi perdido ou abandonado. Assim, a identificação permitiria que o eu interiorizasse traços do objeto perdido e, desta

forma, se confirmaria como sucedânea de uma vinculação libidinal. Há ainda uma terceira manifestação da identificação, que não envolve um investimento libidinal, mas resulta da percepção de um traço em comum. Neste caso, a qualidade compartilhada pelos sujeitos funciona como base da identificação que, desta forma, pode levar ao estabelecimento de laço com o objeto, como acontece nos grupos e na formação de sintoma, em especial na histeria (FREUD, 1921:134-136).

A identificação assume importância destacada em algumas situações específicas, como na gênese do homossexualismo e na melancolia (FREUD, 1921). Em ambas estas circunstâncias, a identificação promove uma transformação significativa no eu através da substituição de um investimento por uma identificação. Deste modo, fica claro que as contribuições trazidas em 1921 a respeito do processo identificatório o vinculam, de forma geral, à introjeção no eu de objetos perdidos ou ao menos não inteiramente disponíveis ao investimento libidinal (FREUD, 1921).

Ainda em *Psicologia das massas* (FREUD, 1921), o mecanismo de identificação é oposto à idealização, o que traz considerações interessantes para pensarmos a atividade sublimatória. A idealização é descrita, então, como o estado de devoção em que o objeto é supervalorizado em seus atributos – tal como já fora anunciado em 1914 -, o que é freqüentemente observado em ocasiões de apaixonamento (FREUD, 1921). Verifica-se, então, uma fascinação e uma servidão do eu ao objeto que se torna “*cada vez mais sublime e precioso*” (FREUD, 1921:143) e, desta forma, passa a ocupar o lugar do ideal do eu (FREUD, 1921:144). Na idealização, portanto, “*uma quantidade considerável de libido narcísica transborda para o objeto*” (FREUD, 1921:143), enquanto o eu é empobrecido libidinalmente.

As diferenças entre os processos de idealização e identificação, no que se refere à instância egóica e seus objetos, tornam-se, a partir de 1921, bastante evidentes. Na idealização ocorre um empobrecimento libidinal do eu, na identificação, ao contrário, destaca-se o enriquecimento desta instância através da introjeção de traços do objeto. Da mesma maneira, enquanto é a presença de um objeto que é supervalorizado pelo eu que ocorre no mecanismo da idealização, é a ausência de um objeto, que precisa ser, de alguma forma, restabelecido no interior

do eu, que está em curso na identificação. Por fim, verificamos que a idealização consiste em colocar o objeto no lugar do ideal do eu, contrariamente à identificação, na qual o próprio eu passa a ocupar o lugar do objeto (FREUD, 1921: 144; MELLOR-PICAUT, 1983:136).

Frente às evidentes diferenças entre estes dois mecanismos psíquicos é, portanto, curioso notar que, em uma determinada passagem do próprio texto de 1921, a idealização é descrita como “*uma devoção sublimada a uma idéia abstrata*” (FREUD, 1921:143). Esta observação parece associar a atividade sublimatória ao processo de idealização, o que, de certa forma, seria diferente da proposta apresentada em 1923, na qual a sublimação é associada à identificação (FREUD, 1923b). Assim, é interessante perceber que, em 1921 e em 1923, a sublimação aparece articulada ora à idealização, ora à identificação, respectivamente. Um exame mais apurado sobre estes conceitos, contudo, pode elucidar estas articulações que, a princípio, parecem pouco claras

#### 4.2.1

#### **Sublimação e idealização na constituição psíquica**

A idealização foi discutida por Freud no texto sobre o narcisismo (FREUD, 1914a), quando foi vinculada à formação do ideal do eu e diferenciada do mecanismo sublimatório. A discussão a respeito da idealização e da sublimação emerge, assim, articulada à questão do ideal, e esta vinculação, aos poucos, se revelou ser de grande importância. Em verdade, o percurso teórico que reúne as considerações acerca das instâncias psíquicas ligadas à função de ideal evidencia, de forma privilegiada, em que medida se aproximam e se diferenciam idealização, sublimação e identificação.

Assim, de acordo com as propostas apresentadas no trabalho de 1914, a idealização poderia ocorrer tanto na esfera da libido narcísica quanto na esfera da libido objetual, sendo a supervalorização do objeto em curso na paixão o exemplo mais evidente da idealização que envolve a libido de objeto (FREUD, 1914b:113). Por outro lado, quando ligada à libido narcísica, a idealização daria origem ao ideal, instância psíquica formada a partir de uma diferenciação no eu, e para a qual se desloca a perfeição e a completude próprias do amor por si mesmo

desfrutado durante a infância (FREUD, 1914b:112). Na tentativa de recuperar o narcisismo infantil, o eu passa a guiar-se por este ideal, procurando alcançá-lo.

Em *Psicologia de grupo e análise do ego* (FREUD, 1921), a idealização é novamente associada à construção do ideal a partir do narcisismo infantil, mas, naquele momento, enfatiza-se a ação deste mecanismo psíquico nas relações com objetos, diferentemente de 1914, texto que privilegia a ação da idealização em sua relação com a instância ideal. Segundo Mellor-Picaut (1983), quando, na idealização, um objeto é colocado no lugar do ideal do eu, observa-se uma reprodução da situação infantil, na qual se verifica uma “*relação entre alguém com poderes superiores e alguém que está sem poder e desamparado*” (FREUD, 1921:146). Nestas ocasiões, ama-se o objeto em função dos atributos que se gostaria de adquirir para o próprio ego e, com isso, busca-se alcançar a satisfação narcísica através deste objeto, posto no lugar de ideal (FREUD, 1921:144).

Em *O ego e o id* (FREUD, 1923b), a formação do ideal volta a ser discutida, apresentando contudo, significativas diferenças com relação à instância ideal apresentada no texto sobre o narcisismo<sup>7</sup>. Sinteticamente, pode-se dizer que se, em 1914, o ideal do eu se revela estreitamente articulado ao narcisismo infantil e à idealização, em 1923, o mesmo termo é utilizado pra designar, no entanto, uma instância psíquica que é herdeira do complexo de Édipo e vinculada à sublimação. A proximidade com a questão edípica e com o mecanismo de sublimação podem, assim, ser consideradas como fundamentos da noção de ideal do eu trazida em *O ego e o id* (FREUD, 1923b), termo que é, inclusive, substituído, neste momento, por *supereu* para designar uma das instâncias psíquicas que, ao lado do eu e do isso, compõe a segunda tópica freudiana. Com esta substituição, é enfatizada a função de consciência moral e de crítica que passam, então, a caracterizar o *supereu*.

---

<sup>7</sup> No texto de 1914, os termos “ideal do eu” e “eu ideal” são utilizados, sem que se faça qualquer distinção explícita entre eles. Autores pós-freudianos, contudo, destacam que seria possível perceber uma diferença significativa entre estas noções. Neste sentido, ainda que ambas essas instâncias sejam constituídas a partir da idealização e do narcisismo infantil (GARCIA-ROZA, 1984), o “eu ideal” se apresentaria como verdadeiro herdeiro do narcisismo, ao passo que o “ideal do eu” apontaria para uma construção ideal já marcada pela castração. No presente trabalho, entretanto, priorizaremos apenas o que estes conceitos trazem em comum, isto é, sua origem narcísica e sua função ideal.

É a partir desta perspectiva que no texto inaugural da segunda tópica, o supereu/ideal do eu é apresentado como uma instância originada de uma modificação ocorrida no eu, estreitamente vinculada à dissolução do complexo de Édipo e não ao narcisismo. A origem desta instância psíquica estaria atrelada, ao mesmo tempo, a fatores da própria história do sujeito, representados pelo Complexo de Édipo, e a fatores de caráter biológico, enquanto desamparo infantil (FREUD, 1923b:50). Desta forma, as primeiras e mais primitivas identificações estabelecidas com as figuras parentais seriam reforçadas pelas identificações secundárias forjadas a partir da trama edípica, dando origem a um “precipitado no ego”, composto por identificações que representam resíduos destas escolhas de objeto primitivas, bem como por uma enérgica oposição a elas (FREUD, 1923b:49). Esta referência às figuras parentais que engendram a organização edípica, culminando na formação do supereu/ideal do eu, se enraíza, por sua vez, na própria condição de desamparo que caracteriza os seres humanos (FREUD, 1923b). Neste sentido, Garcia (1999) explicita:

O anseio pelo pai, que marca o movimento de constituição superegóica se relaciona estreitamente com o estado de desamparo, `origem de todos os motivos morais` (FREUD, 1950c[1895]), expressão enigmática que, no entanto, parece significar que a constituição do primeiro ego ideal, futuro *locus* dos motivos morais, e o lugar fundamental do outro, semelhante, na constituição dos sujeitos humanos se dão a partir do estado de dependência e desamparo originais (GARCIA, 1999:149).

Frente à condição humana de desamparo, portanto, o supereu assinala a “*expressão permanente [da] influência dos pais*” (FREUD, 1923b:50). Para tanto, o mecanismo identificatório se revela imprescindível na composição desta instância psíquica, pois possibilita a transformação do investimento incestuoso em identificação com as figuras parentais. Desta maneira, portanto, o supereu se confirma como herdeiro do complexo de Édipo (FREUD, 1923b:51). Em outras palavras, pode-se dizer que a instância superegóica se apresenta como uma tentativa de conciliar o risco do desamparo e a ameaça de castração.

Este processo de formação do supereu/ideal do eu engendrado pela identificação implica uma dessexualização ou ainda uma sublimação (FREUD, 1923b). Trata-se, em última análise, de uma metabolização da pulsão (MELLOR-PICAUT, 1983) que pretende converter a libido objetal em libido narcísica,

transformando o vínculo com as instâncias parentais. Portanto, a formação do supereu/ideal do eu ocorre a partir da dissolução do complexo de Édipo, da identificação com as figuras ideais e da dessexualização - ou sublimação (FREUD, 1923b:61) - pulsional engendrada neste processo. O supereu/ideal do eu, então, conserva em sua constituição a referência à dimensão conflituosa que envolve a relação do sujeito com as figuras parentais, representada pela necessidade de abandono do vínculo original, de caráter incestuoso.

Nas *Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise* (FREUD, 1933[1932]), são evidenciadas distinções importantes entre a instância ideal e o supereu propriamente dito. Nesta diferenciação, o ideal emerge aproximado das contribuições trazidas em *Sobre o narcisismo: uma introdução* (FREUD, 1914a) e, portanto, da dimensão narcísica, enquanto o supereu corresponderia à instância apresentada em 1923, constituída a partir da dissolução do complexo de Édipo. Então, em 1932, o supereu é descrito como possuindo três funções distintas, a saber, “*de auto-observação, de consciência moral e de [manter] o ideal*” (FREUD, 1933[1932]:86). Desta maneira, o supereu, seria o “*veículo do ideal do ego*” (FREUD, 1933[1932]:84), confirmando a existência de uma estreita vinculação entre ideal e supereu, sem que sejam considerados sinônimos. Freud destaca também que o supereu “*descreve uma relação estrutural, e não é meramente uma personificação de abstrações tais como a da consciência*” (FREUD, 1933[1932]:84). A instância superegóica, portanto, seria constituída através dos mecanismos de identificação que, por sua vez, teria “*a natureza de uma dessexualização ou mesmo de uma sublimação*” (FREUD, 1923b:71) e, a partir disso, os vínculos originais com as figuras parentais podem ser metabolizados e, desta forma, transformados em estruturas implicadas na organização psíquica. O ideal, por sua vez, de origem narcísica, seria um “*precipitado da antiga imagem dos pais, a expressão de admiração pela perfeição que a criança então lhes atribuía*” (FREUD, 1933[1932]:84). Parece possível supor, portanto, que o ideal seria constituído a partir do mecanismo de idealização, relacionado à manutenção de uma perspectiva de completude narcísica. Com isso, as propostas apresentadas em 1914, sobre a instância ideal, e em 1923, a respeito do supereu, parecem ser reunidas em 1932, quando a relação entre estes dois componentes psíquicos é explicitada.

Este trajeto teórico que articula os processos de constituição do ideal e do supereu revela-se, de fato importante para a compreensão da maneira como se aproximam e se diferenciam os processos de idealização, identificação e sublimação que trazem implicações significativas para a determinação do destino dado às primeiras relações com objetos. No contexto de uma discussão sobre a constituição dos ideais e do supereu, Mellor-Picaut (1983) esclarece que:

A **idealização** aparece novamente como a perpetuação sob uma outra forma das mesmas questões libidínicas e se opõe, desta forma, à **sublimação**. Esta última, com processo de metabolização da pulsão, não se limita a uma definição em termos de afastamento do objetivo sexual ou da intelectualização. Ela, em contrapartida, se aproxima da **identificação**, logo de uma operação na qual o eu renuncia encontrar seus objetos ideais no exterior de si próprio e, pela introjeção precedida da renúncia a esses objetos, faz disso seu elemento constitutivo mais importante (MELLOR-PICAUT, 1983:137).<sup>8</sup> Minha tradução.

Então, com a idealização, o caráter de admiração narcísica próprio das primeiras relações de objeto, permanece não modificado, levando à superestimação do objeto, atribuindo-lhe uma idéia de perfeição e completude. A sublimação, enquanto dessexualização, por outro lado, se constitui como processo essencialmente pulsional, através do qual as primeiras metas e objetos pulsionais são transformados e, nela, a identificação assume um papel fundamental na constituição das instâncias psíquicas ao viabilizar a introjeção e a conseqüente dessexualização dos objetos primordiais.

Tais diferenças e relações conceituais entre estes processos psíquicos foram, na verdade, gradualmente propostas ao longo dos textos de Freud. Inicialmente, no trabalho sobre o narcisismo, a idealização foi claramente distinguida da sublimação (FREUD, 1914a) e, em seguida, em 1921, este mesmo mecanismo foi oposto à identificação (FREUD, 1921). Importantes observações feitas a respeito do conceito de idealização foram apresentadas justamente através de comparações deste processo psíquico com a sublimação e a identificação, que, por sua vez e

---

<sup>8</sup> Trecho original: “*L’idéalisaton apparaît à nouveau comme la perpétuation sous une autre forme des mêmes enjeux libidinaux et s’oppose de ce fait à la sublimation. Cette dernière, comme processus de métabolisation de la pulsion, n’est pas limitée à une définition en termes d’éloignement du but sexuel ou d’intellectualisation. Elle est, en revanche, rapprochée de l’identification, donc d’une opération où le Moi renonce à trouver ses objets idéaux à l’extérieur de lui-même et, par l’introjection précédée du renoncement à ces objets, en fait son élément constitutif le plus important*” (MELLOR-PICAUT, 1983:137).

posteriormente, foram aproximados de forma significativa (FREUD, 1923b). A distinção entre idealização e sublimação, portanto, foi se consolidando aos poucos, auxiliada pela inclusão da identificação neste percurso teórico-conceitual. Assim, frente à clara diferenciação entre estes processos psíquicos, pode-se concluir que a definição de idealização como “*uma devoção sublimada a uma idéia abstrata*”, apresentada em 1921, mantém referência ao uso frouxo e pouco preciso da noção de sublimação, destacando apenas o afastamento com relação à sexualidade *stricto sensu*. Fica evidente, assim, que, apesar de tão distintas, idealização e sublimação têm em comum a característica de serem ambas processos psíquicos que, em uma primeira leitura, parecem apresentar um distanciamento do campo da sexualidade *stricto sensu*, promovendo, cada uma delas esta mudança de uma maneira específica e bastante particular. É justamente esta possível semelhança entre a idealização e a sublimação que propomos problematizar a seguir, depois de termos marcados as significativas diferenças entre elas.

#### **4.2.2 Dessexualização e inibição quanto à meta**

Se a perda do caráter sexual estrito é um aspecto que descreve a sublimação desde suas primeiras utilizações em psicanálise, sendo, inclusive, uma de suas marcas distintivas, foi apenas em 1923, com a idéia de dessexualização, que foi possível explicar em termos metapsicológicos este processo. Assim, seria a transformação de libido objetal em libido narcísica engendrada pela identificação que fundamentaria a dessexualização em curso na sublimação. A relação entre dessexualização e sublimação se estabelece, assim, definitivamente no texto freudiano a partir de 1923 e implica uma mudança na meta pulsional.

Em *Psicologia de grupo e análise do ego*, de 1921, no entanto, emerge a noção de “pulsões inibidas quanto à meta”, cuja manifestação também implicaria um afastamento dos objetivos sexuais da pulsão. De acordo com esta proposta, frente aos obstáculos existentes na busca de satisfação, as pulsões podem enfrentar uma inibição de seus objetivos originais de caráter sexual e, neste caso, são desvinculadas da esfera da sexualidade *stricto sensu*, apresentando-se apenas de forma tenra e afetuosa (FREUD, 1921). Impedidas de atingir seus objetivos



iniciais, as pulsões inibidas, se contentam com “*certas aproximações à satisfação*” (FREUD, 1923a[1922]:311).

É com relação à origem dos sentimentos sociais que as pulsões inibidas quanto à meta ganham destaque nos textos de Freud. Seria esta forma de apresentação da pulsão que estaria por trás dos vínculos de amizade, além dos laços de ternura que envolvem pais e filhos (FREUD, 1923a[1922]:311). Assim, tais relações têm uma origem inegavelmente sexual mas, frente às restrições culturais, seus objetivos primordiais enfrentam a inibição, transformando os vínculos do sujeito com estes objetos e garantindo a emergência de relações duradouras.

As pulsões inibidas quanto à meta são discutidas também na situação de se estar amando (FREUD, 1921). Neste sentido, uma relação amorosa comportaria uma síntese de pulsões desinibidas e inibidas em seus objetivos. As forças desinibidas tendem a ser extintas após obterem satisfação, mas sua mescla com pulsões inibidas em seus objetivos, que se manifestam através da ternura, garantem a continuidade do vínculo com o objeto (FREUD, 1921:146).

Na situação amorosa, ganha destaque também a idealização do objeto amado, que passa a ser supervalorizado em seus atributos. Esta fascinação por características do objeto, por sua vez, mesmo quando envolve elementos inteiramente afastados da esfera da sexualidade, é despertada graças ao seu “*encanto sensual*” (FREUD, 1921:142), em função da ação de forças cujas metas sexuais encontram-se inibidas. Talvez, então, seja necessário supor que a inibição quanto à meta fundamenta o fenômeno da idealização.

A associação entre as pulsões inibidas em seus objetivos e a idealização, por um lado, e dessexualização e sublimação, por outro, são proposições teóricas de difícil definição conceitual, e as semelhanças existentes entre estes fenômenos psíquicos trazem obstáculos ainda maiores na determinação do que é específico de cada um deles. A dessexualização e a inibição quanto à meta têm em comum o fato de designarem processos em que a pulsão sexual aparentemente é levada a abandonar seus objetivos iniciais. Aos poucos, no entanto, as diferenças entre estas formas de apresentação da pulsão vão se evidenciando no texto freudiano.

Ainda em 1921, comentando a respeito das pulsões inibidas quando à meta, Freud se refere tanto ao caráter sexual da inibição quanto à sua diferença em relação à sublimação:

Ademais, esses instintos inibidos em seus objetivos conservam alguns de seus objetivos sexuais originais; (...). Se preferirmos, podemos identificar nesse desvio de objetivo um início da *sublimação* dos instintos sexuais ou, por outro lado, podemos fixar os limites da sublimação em algum ponto mais distante (FREUD, 1921:174).

Ainda que, neste momento, não sejam explicitadas as diferenças entre estes processos psíquicos, a sublimação já aparece aqui associada a um “*a mais*”, indo além da inibição dos objetivos pulsionais. Em um verbete escrito para uma enciclopédia em 1922, esta diferença é reafirmada com mais detalhes:

***Impulsos sexuais inibidos quanto ao objetivo*** – Os instintos sociais pertencem a uma classe de impulsos instintuais que prescindem serem descritos como sublimados, embora estejam estreitamente relacionados com estes. Não abandonaram seus objetivos diretamente sexuais, mas são impedidos, por resistências internas, de alcançá-los; contentam-se com certas aproximações à satisfação e, por essa própria razão, conduzem a ligações especialmente firmes e permanentes entre os seres humanos (FREUD, 1923a[1922]:311).

A inibição quanto à meta, portanto, não implicaria uma efetiva mudança dos objetivos sexuais da pulsão, mas apenas um impedimento de atingi-los. Por esta razão, estas forças inibidas “*conservam alguns de seus objetivos sexuais originais*” (FREUD, 1921:174). Assim, uma relação com um objeto que compreenda exclusivamente pulsões inibidas em suas metas, ainda que se desenvolva apenas de forma tenra e afetuosa, afastada de qualquer evidência de sua origem no campo da sexualidade *stricto sensu*, pode ainda conservar traços que demonstram que seu caráter sexual não foi realmente abandonado, permanecendo apenas inibido. A partir disso, é possível supor que a manutenção dos aspectos pulsionais em jogo nas relações com os primeiros objetos, observada na idealização (MELLOR-PICAUT, 1983), envolveria justamente uma inibição das metas da pulsão e, com isso, a manutenção de seu caráter sexual, ainda que de forma inibida. Estas forças, então, impedidas de atingir completa satisfação, transformariam o objeto alhures em idealizado, fascinante, enganador.

A sublimação, ao contrário, associada ao processo de dessexualização da libido, configura uma efetiva transformação dos objetivos pulsionais, oferecendo, inclusive, novas formas de obtenção de satisfação (FREUD, 1923b; 1930[1929]). Neste sentido, a atividade sublimatória compreende, em sua realização, um abandono dos objetivos e dos objetos primitivos, excluindo não apenas “*a persistência simultânea das primeiras formas da pulsão, mas também qualquer possibilidade de reconversão às formas anteriores*” (MELLOR-PICAUT, 1983:125)<sup>9</sup>.

Ao final de seu artigo *Idéalisation et sublimation* (1983), Mellor-Picaut, então, demonstra sinteticamente de que maneira se diferenciam a idealização e a sublimação, quando tais conceitos são examinados em suas especificidades:

Contrariamente à idealização que visa criar um estado conflitual (...), aprisionando o sujeito na fascinação por um objeto enganador, que instaura uma dependência proporcional à esperança que nele foi colocada, o processo de sublimação assegura ao sujeito a possibilidade de investir, como o que permite a mobilidade dos investimentos e do questionamento<sup>10</sup> (MELLOR-PICAUT, 1983:139). Minha tradução.

Assim, partindo desta compreensão acerca da idealização e da sublimação, é interessante retornar às diferenças entre estes mecanismos apresentadas no texto de 1914. Naquele momento, o que se conhecia a respeito de cada um destes processos psíquicos possibilitou apenas a conclusão de que “*na medida em que a sublimação descreve algo que ocorre com a pulsão, e a idealização, algo que ocorre com o objeto*” (FREUD, 1914a:113). Ainda que não seja incorreta, esta observação parece ser imprecisa se considerarmos as contribuições trazidas pelos textos de 1921 e 1923. Neste sentido, o processo sublimatório, ao implicar uma transformação pulsional, envolveria também uma mudança com relação ao objeto da pulsão, uma vez que este deve ser necessariamente de natureza não-sexual. Da mesma forma, ao considerarmos a supervalorização do objeto em curso na

<sup>9</sup> Trecho original: “*...la persistance simultanée des premières formes de la pulsion mais aussi toute possibilité de reconversion dans ces formes antérieurs*” (MELLOR-PICAUT, 1983:125).

<sup>10</sup> Trecho original: “*Contrairement à l’idealisation qui vise à créer un état aconflictuel (...), enfermant le sujet dans la fascination par un objet leurre, qui instaure une dépendance proportionnelle à l’espoir qui a été placé en lui, le processus sublimatoire (...) assure au sujet la possibilité de l’investir comme ce qui permet la mobilité des investissements et du questionnement*” (MELLOR-PICAUT, 1983:139).

idealização, parece adequado supor a existência de uma ação pulsional específica implicada neste mecanismo, mais precisamente uma inibição quanto à meta.

### 4.2.3 Sublimação e idealização em Leonardo

Ainda que uma significativa diferenciação entre os processos de idealização e sublimação ocorra no texto freudiano essencialmente a partir da década de 1920, Mellor-Picaut (1983) sugere que o trabalho sobre Leonardo Da Vinci (FREUD, 1910b) já ilustra os desdobramentos distintos da atividade sublimatória e da idealização. Partindo da afirmativa de Freud (1910b) de que a curiosidade de natureza sexual infantil poderia ter três destinos distintos, a saber, uma inibição neurótica, uma erotização do pensamento ou a sublimação propriamente dita (FREUD, 1910b:73), a autora sugere que Leonardo não seria um caso de “*sublimação 'pura'*” (MELLOR-PICAUT, 1983:127). Assim, as atividades de Leonardo como artista e como cientista evidenciariam não apenas a ação da sublimação como também aspectos referentes ao segundo destino possível à pesquisa infantil, isto é, a erotização do pensamento, que consiste na associação entre sexualidade e atividade intelectual. Neste caso, como consequência emergiria o que Freud apresenta como:

... uma preocupação pesquisadora compulsiva, naturalmente sob uma forma distorcida e não-livre, mas suficientemente forte para sexualizar o próprio pensamento e colorir as operações intelectuais, com o prazer e a ansiedade características dos processos sexuais. Neste caso, a pesquisa torna-se uma atividade sexual, muitas vezes única, e o sentimento que advém da intelectualização e explicação das coisas substitui a satisfação sexual; mas o caráter interminável das pesquisas infantis é também repetido no fato de que tal preocupação nunca termina e que o sentimento intelectual, tão desejado, de alcançar uma solução torna-se cada vez mais distante (FREUD, 1910b:74).

Segundo Mellor-Picaut (1983), estas características poderiam ser observadas no trabalho realizado por Leonardo, em especial na execução da estátua equestre de Francesco Sforza, bem como em outras obras que o artista nunca deu por terminadas (FREUD, 1910b:63). Este aspecto da produção artística de Leonardo se deveria, por sua vez, às “*ambições enormes, difíceis de satisfazer, e uma inibição na execução definitiva*” (FREUD, 1910b:63), o que, para Mellor-

Picaut (1983), envolveria “*a ação subjacente da idealização, (...) entendida como o processo psíquico pelo qual o valor do objeto é elevado à perfeição*” (MELLOR-PICAUT, 1983:127). No caso de Leonardo, seria a própria obra do artista que seria supervalorizada, devendo manter-se próxima a um ideal elevado, cuja origem permaneceria inconsciente (MELLOR-PICAUT, 1983:127). O mecanismo de idealização, assim, contribuiria para que o artista aproximasse sua obra de ideais de completude e perfeição, de modo a suscitar o que Mellor-Picaut (1983) descreve como uma “*imobilização fascinada*” (MELLOR-PICAUT, 1983:128). Neste caso, o objeto idealizado parece inacessível e irrealizável, ainda que sua natureza seja modesta (MELLOR-PICAUT, 1983:128), e é considerado “impossível” (128), o que traz significativas diferenças com relação à categoria de objeto interdito:

No caso de Leonardo ou de outros que, estando bem aquém da perfeição, agem, entretanto, da mesma forma diante de suas próprias exigências, o que parece estar mais em questão do que o proibido ou o ameaçador é o inacessível, que é sentido pelo sujeito como impossível. Enquanto a possibilidade de fuga ou de esquivar se oferece ao sujeito diante do objeto proibido ou ameaçador, o inacessível, ao contrário, coloca o objeto da busca em um lugar de fascinação, onde a tensão não pode se resolver sem poder também encontrar solução no recalque ou na realização pulsional<sup>11</sup> (MELLOR-PICAUT, 1983:128). Minha tradução.

Considerando, então, a hipótese de estas características do trabalho de Leonardo se deverem à existência latente de uma idealização, sugerimos que esta configuração supõe uma inibição da meta pulsional. Desta forma, “*o caráter interminável das pesquisas infantis*” (FREUD, 1910b:74), que se manifesta através de uma “*preocupação [que] nunca termina*” (FREUD, 1910b:74), seria originado de um impedimento à satisfação. Com isso, ainda que a atividade de artista ou pesquisador se desenvolva em um campo efetivamente afastado da esfera da sexualidade estrita, as forças por trás de sua realização conservam, em certa medida, seus caracteres sexuais sob a forma de inibição e, por esta razão,

<sup>11</sup> Trecho original: “*Dans le cas de Léonard ou chez d'autres qui, pour être bien en deçà de la perfection, agissent néanmoins de même face à leurs propres exigences, ce qui semble davantage en cause que l'interdit ou le menaçant, l'inaccessible qui est ressenti par le sujet comme de l'impossible. Alors que la possibilité de fuite ou d'esquive s'offre au sujet devant l'objet interdit ou menaçant, l'inaccessible pose au contraire l'objet de la quête dans un lieu de fascination où la tension ne peut se résoudre sans pouvoir non plus trouver de solution dans le refoulement ou la réalisation pulsionnelle*” (MELLOR-PICAUT, 1983:128).

evidenciam traços de “*prazer e ansiedade características dos processos sexuais*” (FREUD, 1910b:74).

Mellor-Picaut (1983) ainda destaca que esta insistência em uma tarefa que permanece sem conclusão definitiva não deve ser confundida com atos próprios da neurose obsessiva:

Por outro lado, o caráter infinito da pesquisa teórica também não pode ser confundida com a ruminância obsessiva que, assim como é mostrado no caso do Homem dos lobos, se limita a uma reiteração estéril da mesma questão sob formas diferentes, sem que nenhuma resposta, mesmo que parcial, possa ser trazida e marque, assim, seu assujeitamento ao passado infantil<sup>12</sup> (MELLOR-PICAUT, 1983:129). Minha tradução.

Desta forma, mesmo as obras que Leonardo considerou incompletas possuiriam ao menos certa finalização, capaz de lhe atribuir valor artístico ou utilização científica e, por esta razão, não poderiam ser entendidas como simples reformulações de uma mesma questão que, no entanto, permaneceria sem qualquer resolução, como acontece na neurose obsessiva. Para Mellor-Picaut (1983), a impossibilidade de conclusão de certos trabalhos observada em Leonardo se deveria, na verdade, a qualidades específicas de seu ideal paterno, podendo ser entendida como uma repetição da atitude do pai que foi capaz de gerar um filho, mas não de criá-lo. Esta situação, portanto, se encontraria mais próxima a uma questão relacionada ao abandono do que à impossibilidade de conclusão típica dos quadros obsessivos (MELLOR-PICAUT, 1983:129). É interessante marcar ainda que a “*preocupação pesquisadora compulsiva*”, “*o caráter interminável das pesquisas*”, “*o prazer e a ansiedade*” (FREUD, 1910b:74) que marcam a erotização do pensamento descrita por Freud, parecem enfatizar mais a existência de uma tensão permanente na realização do trabalho do que uma incapacidade de conclusão das obras propriamente ditas.

Por esta razão, a impossibilidade de finalização de algumas obras de Leonardo, que, na leitura de Mellor-Picaut (1983), se deve a particularidades de sua relação artista com seu pai, precisa ser distinguida dos traços da idealização subjacente à erotização do pensamento que também são observados em Leonardo

<sup>12</sup> Trecho original: “*D'autre part, le caractère infini de la recherche théorique ne peut non plus se confondre avec la ruminacion obsessionnelle qui, ainsi que le montre le cas de L'homme aux loups, se limite à une réitération stérile de la même question sous des formes différentes sans qu'aucune réponse même partielle ne puisse être apportée, et marque ainsi son assujettissement au passé infantile*” (MELLOR-PICAUT, 1983:129).

(MELLOR-PICAUT, 1983). Desta forma, talvez o caráter interminável das pesquisas, descrito por Freud como característico desta saída dada à curiosidade infantil (FREUD, 1910b:74), não se manifeste tanto na realização de tarefas específicas, isoladas, mas através do esforço investigador como um todo, que não cessa e que nunca é plenamente satisfeito. Neste cenário, ainda que as atividades sejam de alguma forma finalizadas, elas seriam imediatamente – ou até simultaneamente – seguidas por outras e novas tarefas, em função do caráter compulsivo destas operações intelectuais, tal como apresentado por Freud (1910b). Estas circunstâncias são, então, acompanhadas por certa preocupação que nunca termina e “*o sentimento intelectual, tão desejado, de alcançar uma solução, torna-se cada vez mais distante*” (FREUD, 1910b:74)

A partir das hipóteses de Mellor-Picaut (1983), parece possível supor que este esforço inextinguível de investigação teria suas raízes na fascinação pelo objeto própria da idealização, capaz de suscitar uma relação marcada pela tensão e pela insistência em alcançar um objetivo inacessível, aproximado da função de ideal, através do qual se almeja alcançar uma completude narcísica. Se considerarmos a proposta de que a idealização envolve uma inibição da meta pulsional, é possível entrever ainda uma outra associação entre a idealização e a erotização do pensamento. Neste sentido, esta erotização através da qual “*a pesquisa torna-se uma atividade sexual*” (FREUD, 1910b:74) pode ser entendida como derivada da inibição da meta sexual da pulsão. Impedida de obter completa satisfação e não sendo efetivamente dessexualizada - como ocorre na sublimação-, a pulsão conserva, então, seu caráter sexual, ainda que de forma atenuada e distorcida pela inibição. Assim, os traços de prazer e ansiedade típicos desta erotização do pensamento (FREUD, 1910b:74) talvez possam ser assumidos como manifestações do caráter sexual da pulsão que permanece inibido no processo de idealização.

Esta leitura a respeito da ação da idealização no processo de produção artística de Leonardo parece, enfim, sugerir que, tal como a sublimação, também a idealização pode estar implicada no processo de produção de cultura. A rigor, esta característica já fora ressaltada por Freud *Psicologia de grupo e a análise do ego* (FREUD, 1921). Naquele momento, tanto a idealização da figura do líder, sua colocação no lugar de ideal, quanto as pulsões inibidas quanto à meta, em jogo na

formação dos laços entre os demais membros, foram assinaladas como elementos fundamentais à constituição dos grupos humanos. Então, parece plausível sugerir que não apenas a sublimação, mas também a idealização participa da produção civilizatória, sustentada não mais pela dessexualização, própria da sublimação, mas pela inibição da meta pulsional.